

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3500 rs. — Semestre 1500 rs. — Trimestre 1000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 49. — SABBADO, 6 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 4500 — Semestre 2500 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMARIO.

Manuscriptos ineditos (continuação) — O Castigo do Senhor (continuação) — Dieppe — Coroação do imperador Alexandre II em Moscow — Mythologia — Cafais — Salamandra gigante — Grande fonte em Sans-Souci (conclusão) — Bibliotheca publica em Constantinopola — Torres Vedras — Boulogne-sur-mer — Lenda mexicana — Alda (continuação) — Cintra (conclusão) — Narrativas e Lendas (continuação) — Cathedral d'Assumpção — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Torres Vedras — Salamandra gigante — Bibliotheca publica em Constantinopola — Cathedral d'Assumpção em Moscow — Boulogne.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.^{to} R. padre em Xpō o p.e Xpt.^o de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Continuação.

Alem do Paraíba ao Norte cinco Legoas por mar e dez pelo Certam está outro grande Ryo a q. chamã Mangoaçé q. entra no mar na baixa da Traiçã o q.¹ Ryo tem aolongo de sy muitas e boas varzeas ate Copaoba, por onde esta capitania do paraiba possuindo maes Varzeas (q. como ja provamos he o melhor do brazil) q. todas as outras capitancias e com iso e conter maes pao brazil q. pernambuco he muito melhor porq. quãto maes p.^o o norte tanto melhor, e com todo ó de pernãbucho estar de pernãbucho p.^o a parahiba se tirara muito melhor pela paraiba com á ajuda daqueles rios no inverno q. em pernãbucho, aonde o carreto delle fica muito longe e muito custoso e difficultoso: fica tambem a paraiba maes perto do Reyno sem dobrar cabos e resolutivamente he a melhor Capitania do brazil e tal q. sabido bem o porto segura nã arribar navio as antilhas, q. he grande terço e mui importante ao commercio e navegacãm deste grande estado:

Deixo a ladroçira e colheita de vinte e trinta naos francesas q. todos os años antes de ser nossa aly carregavã tendo suas feitorias sobre sy cada naçam fazendo de hum ano p.^o ó outro á cargua cada hum p.^o as suas naos com enja ajuda os negros petigares (o maior em n.^o, e maes como ja disse gerreiro gentio do brazil) de vinte anos a esta parte corriam todas as frontr.^{as} de Tamaraca, q. soo cõ trinta e dous moradores acurrelados na Ilha piedosamente sustentavã á capitania e na de pernãbucho ja nã moia tres engenhos e em cõllicão de pejarem outros, por tudo estes petiguaries irem assolando, porq. maes facil-

mente pudessem acarretar e carregar o pao aos franceses, e detal manr.^o se forã aprecebendo e apelidando os franceses em sua ajuda q. se vierã a fortificar a seu modo no mesmo Ryo parahiba com os franceses, Cituandose grãde cantidade de aldeas dos Indios pello Ryo acima de hua e doutraparte por ser á maes fertil cousa de todo o brazil e como ficarã a dez doze legoas das nosas frontr.^{as} corriãnos seguros todos os dias çevados nos saltos q. nos davã, com o q. as Capitancias de pernãbucho e Tamaraca andavã tam inquietas e trabalhadas q. nã se ousavã valer dos Engenhos frontr.^{as} nem faziam pao brazil q. he o remedio dos pobres, tam cortados os tinha o medo, e as dividas tam espantosamente consumidos e atribulados, por alguns deverem maes de trinta e quorenta mil cruzados e os mercadores com as dividas antigas q. tiveram quasi principio com a terra tam desacommodados q. se tinham por perdidos mas tomada q.^{1a} fonte da carga do pao no parahiba, arrentou loguo em Pernãbucho con tanto proveito como á experientia o mostrou porq. huns pagaram ó que deviam, outros se fizeram ricos.

Mas dantes em nada avia conselho nem ordem por os nossos em nada a terem nas guerras q. mal lhe davam como foram as q. lhe deu hum A.^o Roiz bacelar capitam da Ilha Tamaraca q. estas e outras nunca serviram de maes q. fazelos destros insinãdoos apelejar por q. en quasi todos os recontros e saltos q. neste tempo con nosco tiverã e nos derã levaram sempre o melhor e á fama de tãtas victoreas continuo decia gentio á carniça com q. se do-

bravã as oppresoens destas duas Capit.^{as} q. parece pola malicia dos moradores dellas encerraram de d.^o provocãdo aos Indios a rompimento com o mao tratamento e repostas q. a seus servicos davam, sendo elles nisso mui certos e proveitosos e nos cativr.^{os}, q. (quebrandolhes a fee contra todo direito natural e das gentes) lhes davã; porq. no tempo das pazes erã estes petiguaries o melhor gentio desta terra e costa mas a cobica dos m.^{res} principalmente das misturas do brazil da naçam mameucos e degradados costumados a se vistir e banquetear das suas pelles q. todos por todas as vias sem exceicãm recolhem as bolças vendendoos sem temor de d.^o nem medo do castiguo q. realmente como estas culpas sam das cabeças nunca por estas cousas se deu no brazil, esta tirania tam impiamente usada no brazil, estragou, assolou, e danou, tudo nem deixarã por estas injustas avexações q. se fazem aos Indios de vir grãdes açoutes ao brazil senã provem cõ grande ordem exemplares e regurosos castigos contra estas cabeças, Ainda q. parece q. todos os castigos q. d.^o daa aos q. continuã ó certã he por esta causa porq. he pasmar o atrevimento e sultura conq. a tanto custo hos homens se deixã andar naquele grande certam por espaço de dous tres ou quatro e muitos años sem d.^o sem mantimentos nuns como salvagens e sogeitos a todas as persiguições e miserias do mundo se metem os homens duzentas, trezentas e quinhentas legoas pello Certam dentro servindo ao diabo con tanta curiosidade de martirio por resgatar ou furtar peças como os padres antigos do hermo o faziã por xp.^o: isto sam cousas tam notorias e molestam sem remedio q. como christam me forçará a fazer esta lembrança.

O pao desta capitania he o maes e o melhor q. se sabe por ser a derradr.^o deste estado da banda do norte do q.¹ pao ha nella grandes matas e por ser a melhor mercadoria deste estado deu nome a toda a provincia sendo o seu proprio nome terra de sancta Cruz se chama vulgarmente do Brazil o q.¹ he hum pao feo á vista tem á casca grossa e espinhosa a folha do q.¹ quer parecer de Amieyro he de maes importantia q. o pastel p.^o todas as tintas por se darem com elle quasi todos e hum soo pao daa cinco de q. a pr.^o e a segunda sam muito escuras, a terer.^o e quarta sam as melhores. E asy pella experientia q. disso se tem se diz q. sam necessarios todos os años e bastam deste trinta mil quintaes p.^o a nossa Europa. Das outras capitancias o pao nã daa maes q. duas tintas.



Torres Vedras.

Continua.

sultada com proveito, porque na parte relativa á antiguidade não tem sido substituída perfeitamente e como a materia o demandava a favor dos eruditos.

M.

COROAÇÃO DO IMPERADOR ALEXANDRE II, EM MOSCOW.

I

As festas de Moscow excelleram em magnificencia e aparato quanto a seu respeito antecipadamente se imaginara. Harmonisaram-se as tradições dos tempos passados com o actual poder e riqueza do imperio dos czares, para o seu effeito de humbrar a admiração dos concurrentes. Escolheu-se a propriamente para este fim a admiravel metropole da Russia, que ainda hoje é para os russos o ponto central de sua fé, devoção, amor patrio, e historia.

Daremos primeiramente uma resenha da solemnidade com que o imperador, vindo do palacio de Petrowsky, entrou na cidade e ao Kremlin, e depois fallaremos das festas da coroação.

Desde o amanhecer do dia destinado para essa entrada solemne, milhares de pessoas circulavam pela extensa rua que de um palacio conduz ao outro. Em muitos pontos d'ella se tinham levantado tribunas para as autoridades e para alufar. A guarda imperial de infantaria estava postada de ambos os lados em alas, com tres filhas de fundo. As casas que são de grande frontaria, e poucas com mais de tres andares, tinham as janellas, os terraços, e telhas dos chefes de espectadores. As janellas, principalmente, estavam vistosissimas com armações, cobertas e grinaldas de flores.

Eram tres horas quando tres tiros de artilheria annunciaram que o imperador saía do palacio de Petrowsky, e a comitiva imperial se punha em marcha. N'esse momento ressoaram todos os sinos das quatrocentas egrejas de Moscow. Rompia na frente uma pequena secção da guarda civil a cavallo, e seguiam-se os *tsherkess* que formam parte da guarda do imperador, milicia de um aspecto verdadeiramente marcial, e montada em excellentes cavallos, vestindo um traje tradicional de cores mui vivas, sabre recurvado, carabinas e pistolas de uma construcção especial, silhas e chareis guarnecidos de prata, e lanças com bandeirolas de varias cores, reunindo a todo aquelle armamento o arco e as flechas, como era uso dos povos nomadas. Estes guerreiros faziam recordar os de Iwan o Terrivel, e os esquadrões de Saladino.

Aos *tsherkess* juntavam-se os semi-selvagens *bashkirs* e a estes seguia-se um esquadrão de cossacos do mar Negro, e que fazem parte da guarda, montando uns cavallos negros e pequenos, porém muito fogosos. Os cossacos, com os uniformes encarnados, os gorros negros de pelles, as lanças com as hasteas pintadas de vermelho e bandeirolas brancas e encarnadas, tinham um aspecto phantastico. Outro regimento de cossacos, tambem da guarda, vinha na retaguarda d'aquelles, deixando fluctuar ao capricho do vento os seus *dolmans* azues, muito parecidos aos dos husards. Depois d'esta escolta militar seguia-se o verdadeiro cortejo official.

Marchavam a dois e dois de frente, e a cavallo, precedidos pelo grã-marechal da nobreza do districto de Moscow os membros da alta aristocracia do imperio, uns com uniformes, e outros com os trajes dos antigos boyardos russos, que é uma tunica bordada com pedras preciosas, um cinto de ouro guarnecido de diamantes, e um gorro alto com pennacho e adornos de brilhantes. Ostentoso que era este corpo da nobreza, a cavalgada que o seguia sobreexcedia-o em interesse. Compunha-se dos deputados das raças e tribus asiaticas sujeitas ao sceptro da Russia, vindos expressamente para estas solemnidades dos mais remotos extremos d'aquelle vasto imperio — eram os *bashkirs*, e *kalmukos*, os *tsherkess* e *tartaros*, os *kurdios*, *armenios*, *georgios*, *samoyos* e *chins* dos afastados confins da Siberia. Iam todos montados; alguns com as cabeças descobertas cingidos os cabellos com placas de ouro; outros com uma chapa d'este precioso metal sobre a fronte, e varios com gorros de pelle de carneiro guarnecidos de diferentes joias. Eram as suas armas mosqueadas á antiga, com morrão, lanças, azagaias, yatagans, hachas, e punhas de feitiços exquisitos, com os variados trajes de uma infinidade de cores. Uns montavam sem estribos, outros usavam um tal aparelho que davam ás cavalgadas uma posição horizontal. As gualdrapas eram de um luxo verdadeiramente asiatico. Via-se emfim toda a casta de freios e sellas usadas desde que o cavallo se submetto á vontade do homem. Entre estes representantes distinguiram-se os embaixadores tartaros, de uma bisarria selvagem nos fatos e nos arreios dos cavallos. Todos estes improvisados diplomatas montavam excellentes cavallos; porém costumados a galgar as planicies n'uma furiosa corrida, mostravam-se constrangidos n'aquelle passo lento e medido de um cortejo official, e por isso a cada momento se empinavam.

A esta cavalgada, que se assimilava a um dos sonhos phantasticos das *Mil e uma noites*, seguia-se uma secção de cavalleiros da guarda, de estatura gigantesca, vestidos de fardas brancas, armados de coiraça com capote de metal doirado, e montados em cavallos tambem gigantes. Unido a este destacamento vinha o primei-

ro esquadrão da guarda, que tambem attrahia a attenção pelo seu extraordinario luxo.

Enthusiasticos vivas dados pelo povo annunciaram a chegada do imperador. Alexandre II Nicolawitsch tem em toda a sua pessoa a magestade tranquilla e altiva de seu augusto pae o imperador Nicolau, juntando-lhe comtudo mais uma pouca de suavidade na expressão e no olhar dos seus rasgados olhos azues que brilham com serena bondade. Vestia uma farda verde na qual ostentava muitas condecorações, calça encarnada, e um gorro com plumas brancas, pretas e cor de laranja. Mostrava na physionomia uma especie de intimo enternecimento por tantas demonstrações de affecto do seu povo, que realmente o adora. Montava um cavallo, que sem encarecimento era o mais magnifico possivel. A seu lado, porém coisa de dois passos mais á retaguarda, iam os seus dois filhos, o grã-duque Nicolau, herdeiro presumptivo, e o grã-duque Alexandre; depois os irmãos do imperador, os grã-duques Constantino, Nicolau, e Miguel. Os principes Romanowisk, o duque de Leuchtenberg, o principe de Oldenbourg, os principes estrangeiros, e mais de trezentos officiaes generaes do exercito russo, entre os quaes citaremos Gortschakoff, Osten-Sacken, Luders, e Menschikoff, e com estes grande numero de famosos militares estrangeiros formavam a Alexandre II uma escolta digna da coroa que dentro em pouco tinha de brilhar na sua frente.

Dirigiu-se o cortejo para a porta da Resurreição, pela qual, penetrando no interior do Kremlin, dentro em pouco se perdeu de vista. Duas grandes portas abobadadas conduzem aos pateos interiores do castello e á capella de Nossa Senhora. Apenas o imperador chegou ao pé da escada, que estava adornada de riquissimas alcatifas, apeou-se, e depois de ajudar a imperatriz viuva e sua esposa a descerem dos coches, dirigiu-se com ellas á capella, e ao cabo de uma curta oração reuniu-se ao cortejo que o esperava no interior do grande pateo.

A porta d'este pateo achavam-se o governador militar de Moscow, e as autoridades civis. Nos espaçosos pateos do Kremlin estava reunido muito povo, que apenas avistou o imperador prorompeu em clamorosos vivas. O cortejo avançou lentamente por entre aquelle povo, na direcção da porta do Salvador, onde todos se descobriram por ser n'este ponto que devia ter lugar a recepção solemne do imperador pelo chefe superior de Moscow e chefes immediatos e officiaes civis ás suas ordens. O clero revestido de magnificos paramentos achava-se postado em frente da galeria de columnas, e o senado em ambos os lados da entrada da cathedral. Ahí foram os imperadores recebidos pelo santo synodo e clero d'aquella egreja. Quando o synodo offereceu a agua benta a SS. MM. entou um canto solemne, e acabado este, a familia imperial entrou no templo, o que se annunciou á cidade por uma salva de oitenta e cinco tiros.

SS. MM. depois de orarem defronte de varias imagens sagradas, entre ellas a da Virgem Nossa Senhora pintada pelo evangelista Lucas, dirigiram-se acompanhados do metropolitano de Moscow á egreja do archanjo S. Miguel e da Transfiguração do Senhor, e d'ahi ao palacio do Kremlin, onde foram recebidos pelo clero do palacio com cruz alçada, e pelo grã-marechal da coroação e outros dignatarios da corte imperial com pão e sal, que na Russia é o symbolo de submissão e fidelidade.

Uma salva de cento e um tiros annunciou a entrada do imperador no palacio, e n'essa occasião repicaram todos os sinos da cidade, e o povo se entregou ao jubilo e á oração. Foi sublime e terno o aspecto d'este momento solemne, em que a immensa multidão que atulhava os vastos pateos do Kremlin, descobertas as cabeças e ajoelhados imploravam ao Rei dos reis a benção para o seu soberano. Já era noite e ás praças e pateos acudia muito povo, e o palacio, o Kremlin, e a cidade illuminaram-se brilhantemente.

Antes de terminarmos esta primeira parte do nosso quadro descriptivo, devemos dar uma idéa dos coches que figuraram no cortejo imperial. Foram vinte seis, de inestimavel valor artistico, cobertos de ouro e veludo, sendo alguns verdadeiros monumentos historicos, e todos puxados a seis tiros. Iam occupados segundo a ordem hierarchica, pelos dignatarios da corte e membros do conselho do imperio.

Muitos d'estes coches datam dos reinados de Paulo I e Catharina II, e figuraram nas suas coroações. Estes são do estylo á Luiz XV, decorados com muita riqueza, propria do genero. Tem pinturas preciosas, que se não são de Boucher, pertencem comtudo á escola d'este insigne mestre. Outros coches eram construídos segundo o gosto do seculo XVII, mais severo, mais macisso, e mais esplendido. Um d'elles, o da imperatriz viuva, era doirado, forrado interiormente de veludo. Tinha no centro uma aguia de pedras preciosas. Os tirantes eram de um exquisito gosto, cobertos de ouro. Um caçador, com riquissima libré de gala, segurava as redeas de cada cavallo. A comprida linha de coches, cavallos, e caçadores, vista do alto, e pouco longe na perspectiva do Tverskaja, dava á rua um aspecto encantador, que similhava um rio de ouro.

Continua.

Para qualquer ser homem de bem é mister, que todas as suas acções sejam boas: uma só má basta a desconceitual-o.

MYTHOLOGIA.

TI-KANG.

Este illustre personagem é um deus entre os chins. É um deus terrivel, porque preside aos infernos. De mais a mais é o presidente de cinco juizes, e de oito ministros. Assim o representam, cercado de tamanho cortejo, nos seus templos.

Não satisfeitos ainda com isto, os adoradores de *Ti-Kang* julgaram apropriado collocar-lhe no templo, ao lado do altar, além de todos aquelles personagens — juizes e ministros — mais dois quadros panoramicos representando scenas infernaes.

E como são delineadas essas scenas? Condemnados enterrados em caldeiras de azeite a ferver, outros despeçados, serrados, devorados por serpentes e cães, assados, fritos, etc.

Não deixará de ser a propósito aqui uma pergunta, cuja resposta ficará a cargo dos archeologos: — O santo varão que propoz o projecto da *Inquisição*, teria viajado pelas immedições da China, ou seria sacerdote do rito de *Ti-Kang*? O objecto merece bem as investigações dos sabios.

Para ajudar, pela nossa parte, os investigadores, explicaremos que um dos taes cinco juizes tem o trabalho, apenas vae despachada uma alma de qualquer dos corpos que passeiam por este mundo, de a pesar n'uma balança. Não são arrobos, nem arrateis as medidas porque se balanceiam. São, nada mais, e nada menos, os livros de orações porque o defunto rezou cá n'esta vida.

Já se vê, portanto, que entre esta boa gente china, para evitar as penas do inferno, basta ler muitos livros de orações — ou as muitas orações d'um livro místico, porque a intenção de uma só, que se reze com verdadeira contricção não valerá nada.

Agora o mais bonito está em saber como a alma do pobre mortal é julgada, segundo este rito. Pois é a coisa mais simples do outro mundo. Declarado culpado pelo tal zelador d'aquella casinha municipal, onde nem um bicho de couve pode passar sem ser fiscalizado, pesado, e joiado, se o defunto é culpado — queremos dizer, se não tem carta limpa — é logo entregue a tres dos collegas juizes, que, sem verificarem a aferição das balanças onde pesaram a pobre alminha, deliberam sobre o castigo que se lhe hade dar.

Dada a sentença, não ha appellação nem agravo. É cumpril-a. O quinto juiz — que foi o unico que por ora não entrou em scena — tem um encargo mais sublime. É determinar, cumprida a pena do purgatorio, o corpo de animal a que essa alma hade passar.

Este horror do outro mundo resgata-se facilmente n'este em que vivemos. Dizem os indios que ha duas pontes para conduzir uma alma ao Pretorio infernal: — uma de ouro, e outra de prata. Os *passes* para qualquer d'estas pontes são dados em vida pelos bonzos. É compral-os em quanto andamos por cá.

CALAIS. (*)

Obra de seis leguas de canal, onde o mar resfolga apertado por duas costas fronteiras, separam no ponto mais estreito entre Dover e Calais duas nações poderosas, e rivaes na cultura do espirito, das artes e industria, e em tudo que pode conceber a mente humana; deixando a rivalidade historica e tradicional, ha pouco as vimos confraternisar nas grandes exposições nacionaes a que convidaram o mundo sem temer a concorrência, e o que é mais colligaram-se n'uma campanha que sustentaram e venceram a longa distancia com bizarria e gloria a despeito de obstaculos de toda a casta e costeando despezas enormes.

A passagem de Inglaterra a França, que por estas duas balizas intermedias se effectuava ainda no primeiro quartel d'este seculo e pelos meios ordinarios da navegação em oito a nove horas, vence-se hoje em duas horas ou alguns minutos mais, fazendo-se o trajecto nas carreiras dos barcos a vapor; a consequencia é ser o transitio de passageiros continuo e de mui avultado numero.

Calais é cidade em geral bem edificada e de grande industria e commercio. No «hotel de ville», casa do consistorio municipal, ainda se conserva o bote do balão em que Blanchard, mais feliz do que Rosier, atravessou o canal; e no lugar onde poz pé em terra lhe erigiram um monumento. Eduardo III rei d'Inglaterra tomou-a em 1347 reduzindo-a a submeter-se por via da fome, ao cabo de um cerco em que os habitantes provaram heroica resistencia e acrisolado patriotismo; possuiram-na os inglezes até 1558 em que o duque de Guise a recuperou para a coroa de França; n'esse periodo teve uma epoca de porto franco para todas as nações.

M.

Ao que mata um homem, chama-se assassino: ao que mata milhares, guerreiro: ao que saqueia uma casa, chama-se roubador: ao que saqueia provincias, e nações, conquistador: um é coberto de infamia, o outro de honras, e gloria. Eis-aqui como o mundo tem entendido a moral, e a justiça!

(*) Vide o num. 48.

SALAMANDRA GIGANTE.

A salamandra gigante, que a nossa gravura representa, é assim chamada por ser a maior salamandra conhecida, ainda que não excede a dezoito polegadas de comprimento. É da família dos lagartos, e muito commum em Portugal. Tem pelos lados fileiras de tuberculos esburacados, pelos quaes lhe sae um liquido pegajoso, que deu logar a julgarem-na peçonhenta. Sabe-se porém, pelas experiencias de alguns naturalistas, que não é venenosa.

Em algumas partes da França chamam-lhe *pluvine*, da palavra latina *pluvia* (chuva) pela razão de verem indício de chuva na saída de muitos d'estes animaes fora das tocas. Com effeito, ella foge do sol, e só sae dos buracos em que se aninha, de noite, ou quando o tempo está humido.

Se alguma coisa ha de notavel na salamandra, é na especie aquatica, — saramantiga d'agua (*lacerta palustris*) que, segundo affirmam Spallanzani e Bonnet, tem immensa força de reprodução: nascem-lhe os pés, com todos os ossos, musculos, etc., tantas vezes quantas lh'os cortam.

GRANDE FONTE EM SANS-SOUCI.

Conclusão.

A altura total d'esta fonte é de trinta pés. Da bacia superior cae a agua para as outras duas, constituindo as bacias umas folhas de acanthe que a despedem em chuva miuda sobre os differentes hyppopotamos, os quaes offerecem assim o aspecto como se estivessem involtos em uma gaze transparente, arrojando estes tambem a agua a maior distancia. Por entre os braços dos cavallos, vêem-se praticados outros mais pequenos repuxos que lançam a corrente descrevendo um arco junto da borda do grande receptaculo.

Sob o ponto de vista architectonico, esta fonte é muito interessante, porque a grande bacia, cujo diametro mede vinte um pés e descansa sobre um pedestal de quatro pés de diametro, não consta de outro material senão de ladrilhos de Klinker, com revestimento de cimento de Portland.

O estatuario Koch, proprietario do estabelecimento



Salamandra gigante.

de que procedem os materiaes, terá resolvido um grande problema se se confirma a solidez d'esta classe de construcções, porque, mais baratas que de pedra, se poderiam fazer com tal material obras d'esta especie, destinadas a arrostar o tempo, de formas gigantes e complicada ornamentação. Uma bacia como a dos vinte um pés de diametro, talhada em pedra, teria custado, pouco mais ou menos, 1:720\$000 rs. e a que existe agora, custou só 688\$000; e dando-se a circumstancia de ser o cimento de Portland completamente impenetravel á agua, não duvida Koch de que permanecerá em bom estado por muitos annos.

Quanto ao seu merito artistico, é digno sobretudo de notar-se as bellissimas formas dos cavallos, principalmente as cabeças. O modelo é devido ao celebre escultor mr. Kiss, que tambem fez o da Amazona em Berlin, o da preciosa estatua do monumento de Frederico Guilherme que se acha n'este real sitio, e o da estatua equestre d'este mesmo rei erecta em Koenigsberg. Estes cavallos marinhos, com as cabeças em duas differentes attitudes, vasados em zinco, procedem do estabelecimento de fundição do sr. Kahle, pintados depois da cor de pedra.

O debuxo é do conselheiro real de obras publicas, o sr. Hesse, e a parte hydraulica foi executada debaixo da direcção do inspector de obras da casa real, o sr. Gottgetreu.

O conjunto envolve um dos embellecimentos mais encantadores que encerram os jardins de Sans-Souci.

o que se quizer.

A grande maioria das obras são de jurisprudencia e de theologia, estudos a que os turcos mais se applicam.

Ha annos era opinião corrente que nas livrarias de Constantinopola haveria alguns fragmentos da antiga litteratura, escapos á devastação feita pelos tureos, quando tomaram a cidade no seculo xv. Porém em 1799, o doutor Carlyle, auxiliado pelo doutor Hunt, havendo examinado as principaes bibliothecas de Constantinopola, nada achou que podesse dar indício do que com tanto empenho buscava.

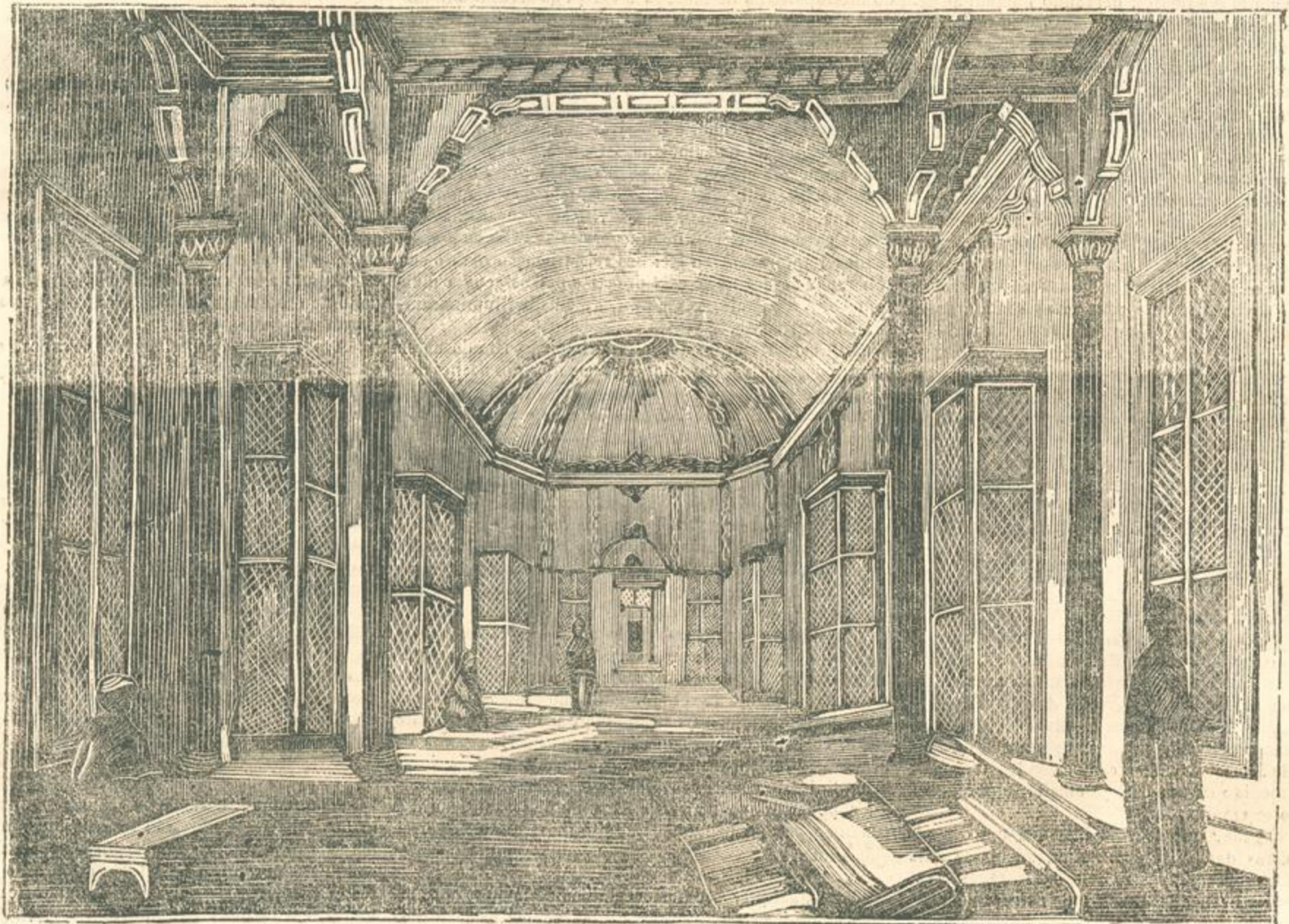
TORRES VEDRAS.

A sete leguas de Lisboa, em uma planicie, está situada a villa de Torres Vedras.

Não se sabe de certo por quem foi fundada; mas julga-se que foi conquistada em 1148, e recebeu foral dado por el-rei D. Affonso III em 1228. Foi cercada de boas muralhas, das quaes mal se descobrem vestigios.

O castello, cuja posição é formidavel, tem uma unica porta, e antigamente tinha casa para o alcaide mór, e um caminho subterraneo para o rio. A villa tambem teve paços reaes, que existiram até fins do seculo xvi, mandados construir por D. Beatriz, esposa de D. Affonso III.

Em 1533 foi cabeça de comarca, e tinha assento em côrtes; em 1557 começou a ter juiz de fora com succes-



Bibliotheca publica em Constantinopola.

são permanente; e mais tarde teve capitão mór, etc. etc.

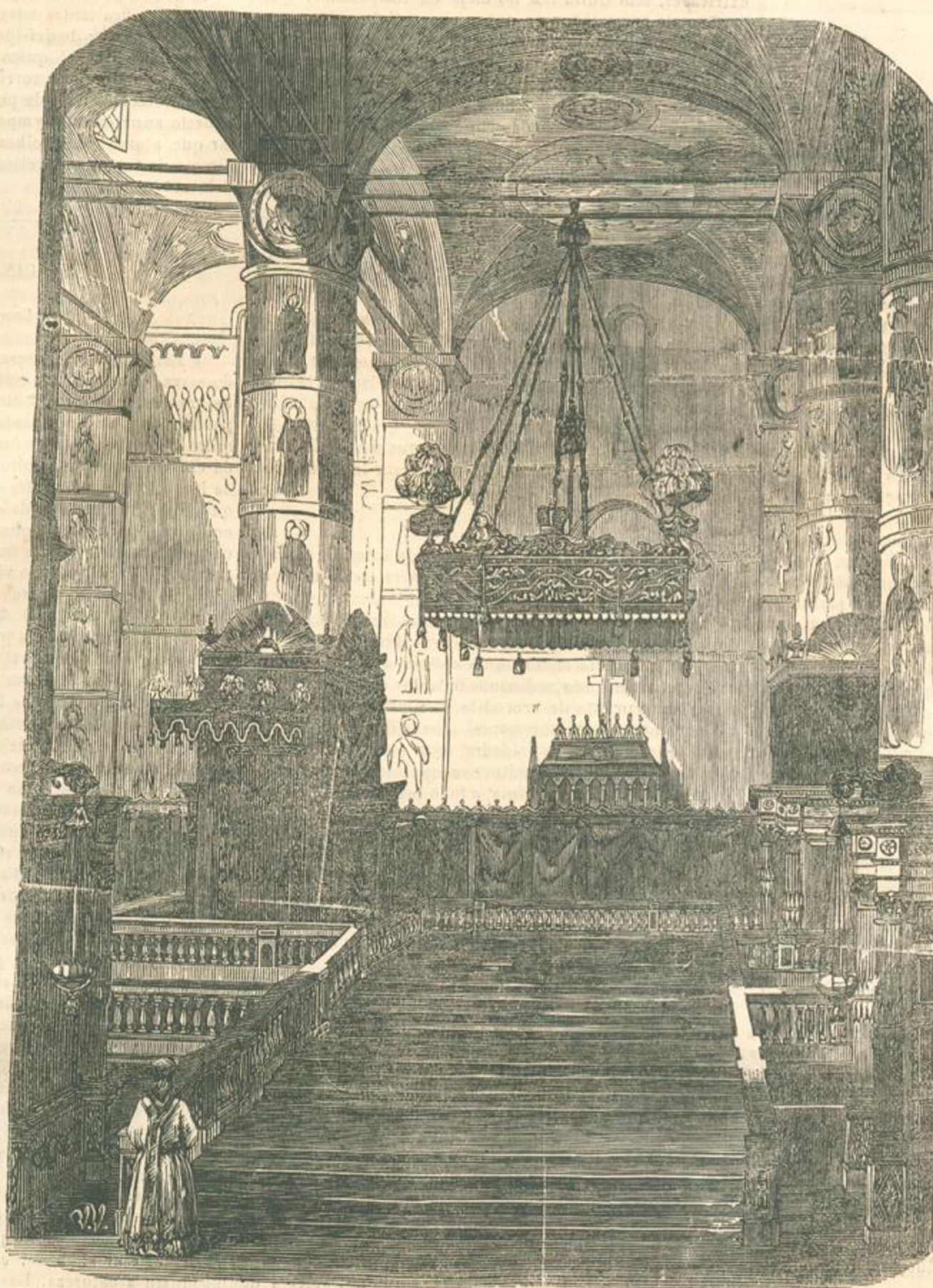
Muitos dos nossos reis consagraram particular afeição a esta villa. Alguns se demoraram lá bastante tempo, chegando mesmo, no tempo de D. João I, a reunir-se ali um conselho, e, na menoridade de D. Affonso III, umas cortes. D. João II ali recebeu os embaixadores do rei de Nápoles, e D. Manuel os de Veneza. D. João V, D. José I, D. Maria I, e D. João VI por lá passaram alguns tempos.

Torres Vedras é celebre por muitas razões, e a historia patria deve-lhe algumas paginas.

BOULOGNE SUR MER.

Este porto no canal da Mancha disputa a Calais a preferencia na communicação entre a Inglaterra e a França, que de ordinario se verifica por aqui em menos tempo, posto que seja um tanto maior a distancia: apesar da difficuldade do seu accesso nascida de causas naturaes, não deixa de manter activo commercio tanto com o estado fronteiro e no proprio paiz ao longo da costa, como em viagens de longo curso, para o que se fazem consideraveis equipamentos de navios, para mercadejar e para pescarias remotas. As praias de Inglaterra que ficam a nove leguas maritimas avistam-se bem no tempo claro.

O imperio da moda é que lhe tem dado muita voga; aos banhos do mar ali acode na estação propria a flor da sociedade franceza; e quem deu o maior impulso a esta frequencia foi a duqueza de Berry, depois expatriada. Visto que as modas são mudaveis, disseminaram-se em annos futuros os banhistas por outras localidades; porém, Bolonha nunca perdeu a mór parte da freguezia aristocrata ou opulenta; pode ser que leve novo corte em resultado da escolha que o actual imperador, e sua



Ereja d'Assumpção em Moscow.

esposa de ascendencia hespanhola, fizeram de Biarritz nos Pyreneus para a mesma distracção, uso, ou medicina, se é que os banhos são remedio e não puro divertimento para certa classe de pessoas.

Na Bolonha, de que tratamos, fez o primeiro Napoleão seus famosos aprestimos no intento de dar um desembarque na Inglaterra, projecto ousado que não teve effeito; não obstante isso lá está nas visinhanças da cidade a columna de soberbo trabalho que commemora este plano; e ha pouco se erigiu quasi no mesmo sitio uma estatua ao soberano que exhalou os alentos mortaes no penhasco de Santa Helena.

M.

LENDA MEXICANA.

O leitor não adivinha que *Tespié* é o nome, dado pelos mexicanos a uma das suas divindades, nada mais nem menos significa do que o velho Noé, de que Moysés fallou no Genesis.

Senão veja-se a lenda dos mexicanos:

«Quando o grande cataclysmo puniu os homens dos seus crimes, *Tespié* embarcou n'um navio da feição de uma arca, ou cofre, com a sua mulher, filhos, animaes e fructos.

«As aguas baixaram depois, e então *Tespié* deixou sair da arca o abutre, que encontrando a terra coberta de cadaveres, com elles se entreteve a ponto de não regressar.

«Todos os outros passaros, soltos por *Tespié*, emquanto encontraram pasto não regressaram. Sómente o *Colibri*, ou *Beija-flor*, regressou ao navio, trazendo no pequenino bico uma fevera de relva.»

O luto, que devia ser a demonstração do sentimento, e saudade; muitas vezes não é mais, que observação de pragmatica.



Boulogne sur mer.

ALDA.

Continuação.

III

Era monotonica mas placida a vida que me deslisara até aqui. Hoje só ha n'esta alma dessocego e incerteza! A metamorphose será uma illusão?

Para que a vi? Porque vim conhecê-la tão tarde?... Quando pela vez primeira entrava n'aquella sala fatal, mal sabia que esse jubilo interior, que se me assimilava a redempção de justo, presagiava infortunios, porque era aprasivel de mais para que alma de peccador o gosasse todo e inteiro. Para que dizer quem estava n'aquelle recinto de luzes e estrellas? Para que escrever o que n'elle se passara, e o que ali passei? Fôra inutil! É segredo de que só é confidente o coração, que se me converteu em fogo. As cogitações fervem-me como delirio em cerebro excandescido de febricitante!

Será porventura causa de tudo isto a vista, a contemplação attenta d'uma mulher? Será amor? Que sei eu, que nunca o conheci! Entretanto esse vacuo que me parecia ter na vida, como que o sinto menos. Já côres tão carregadas me não insombram os trabalhos d'ella. A tristeza de hoje é doce; as lagrimas são refrigerio, como o modesto orvalho da noite, para o botõesinho descorado. Querera o amor, illusão desde muito morta para mim, renascer por entre o pranto melancolico? Haverá acaso ente creado para fazer sentir-me que vivo, e que a existencia tem encantos verdadeiros? Haverá formas de tão doce e vaga phantasia, olhos de tão maviosa intelligencia, de tão absoluto imperio, que assim convertam idolatras? Ha, sim! Ha mulher em quem o animo, a modestia, a ternura, concorrem como meteoros brilhantes em noite estia. Realça-a a idade da razão, em que muito se sente, e muito se sabe sentir; em que se alliam intelligencia e coração. Já passou d'essa quadra perigosa, em que as graças juvenis da mulher são como os acertos do louco, cujo bom effeito nem dura muito, nem facilmente se reproduz.

E eu, que devia ter perecido para o mundo! Ha aqui junto a mim, com brado ameaçador, o cofre fatal que encerra o segredo de meus infortunios, a sotaina, a mortalha negra que me lançaram em vida! E nem ao menos me será dado deplorar a perda d'uma liberdade, já hoje irrecuperavel?... Oh! recupera-a quasi me enlouquecera e me matara! Sim, o cumulo da felicidade inopinada, tambem mata como a dôr infausta. Ambas necessitam ser recebidas gradualmente para não enfraquecer. O coração é como o estomago humano; desmoderados e insolitos alimentos não os comporta de subito.

IV

Eu amei sempre a vida solitaria, que excita e perfecciona a sensibilidade; porque a solidão foi feita para o amor feliz; porque para duas almas unidas, e que um mesmo sentimento anima, tem seducções, tem deleites, tem risos de encantar!

«Amavel solidão! tu és o extremo
Dos bens que Jehoval reparte ao mundo!»

Mal vae á sympathia quando os calculos são a sua craveira egoista. É por isso que no tumulto das multidões o amor custa a ser vivificante e animador; não tem o aspecto tão celestial, o pensamento tão unico, as delicias tão ingenuas. Tão ruim, e tão incoherente, parece que a sociedade favorece o circulo vicioso da versatilidade humana. Constituindo-se inimiga da paixão nobre que eleva até Deus e povoa mundos, só ficou a solidão em herança unica ás almas predestinadas.

Quereis retrato typico da cidade e de sua civilização? Olhae para o baile; imagem propria da comedia magica e universal, com todos seus caracteres moraes, com todos os prejuizos da sociabilidade excentrica, desenhados a colorido. Fogem da cidade para o baile, e do baile para a cidade; descansam das amarguras d'uma nas impressões encontradas do outro; appellam successivamente d'uma para outra instancia; e o pleito da felicidade humana, sempre no jogo e na perda, nunca obtem sentença que o solidifique. O baile, inda que o não pareça, é, como a vida commum, espectáculo proprio a despertar o scepticismo. Musicas e cantares perdem o dulcissimo prestigio entre flegmaticas preocupações. As notas mais ternas e gemebundas passam desapercibidas. Não ha vistas, dardejando intelligencia, que se troquem quando os accents de concerto mavioso ecoam, deixando os peitos mudos. Ante dois bellos olhos castanhos, animados, chammejantes, palpitando genio, anhelando amor, nem apparece coração susceptivel de incendio! Tantas reservas e etiquetas, tanto compasso enganoso da marcha, tanto perfilado e intertellado de figuras, não são senão relações mentirosas da policia externa com o senso intimo, intimamente rebelde, e occultamente traidor!

Arrengo do tumulto do mundo, que afoga os melhores germens de felicidade e tranquillidade. Que pode egualar a solidão? Que pode disputar primazias ás docuras do amor de Chactas e Atalá, perdidos em deserto in-

extricavel, sem outra luz no meio da tempestade! Que ha de mais encantador do que a choça d'olmo dependurada sobre o lago, desgarrada entre a espessura do arvoredo, e junto a tudo isto mulher que desperte no coração jucundo palpar, que responda com prodigalidade á confiança e caricias de amor? Será na terrá imagem da vida celeste; será converter o deserto em elisio, crear no mundo encantamento só proprio de fabulosas regiões! É por isso que:

«A grandeza do mundo, ás barras d'oiro
Prefiro um coração onde eu só reine.»

V

Mas esse coração existirá? Conheço-o na terra. Perfeitissima entre os entes creados para decoração do portentoso templo da natureza, Alda é como essencia superior, a que não podemos comparar a bondade e belleza caduca: é um anjo, nome, sobre quantos articula a lingua humana, divino, suavissimo!

Alda, sobre tuas candidas azas porque me não levas ao ceo? Oh! que só anjo como tu pode levar lá d'um vôo!

VI

Sonho continuo me consome a vida interior e cansa as facultades d'alma. O acordar de negras realidades, de esperanças impossiveis, será horrivel!

Porque não permaneci indifferente com todas minhas desfavoraveis prevenções contra o sexo das graças? A mulher me apparecia então, como a olhos de moralista descontente, arrastando, seduzindo incautos com choro enganoso, como pranto de crocodilo. Pensava que ella só vivia para nos trazer lentamente o assassinio á existencia, suffocando-nos com as vaidades, com os caprichos, com as soberbas de genio prescito, com opposição tenaz e acintosa a toda idéa magnanima, a todo pensamento de brio, que lhe não tocasse. A mulher, emfim, se me ant'olhava por toda a parte o mesmo ser indomito, reservado, flagellador; presumçosa e petulante; esmagando com fereza de tygre o que alcançara com fementida doçura de pomba. Enganei-me! O meu conceito tinha todos os defeitos da inexperiencia, do desconhecimento da humanidade; — defeitos de todas as proposições universaes moraes engendradas sem lição.

Não: não era assim. Entre as harmonias da criação ora vejo fulgir as brilhantes perfeições da mulher, qual estrella vespertina em purissimo ceo d'azul. No coração lhe imprimiu o dedo de Deus a pureza e fervor dos sentimentos heroicos, a benevolencia do sorrir angelico, a humanidade, a candura. Que maravilhosos legados moraes para realçar o dom das formas d'aquelle ente feiticeiro! Como resistir-lhe já agora, se a mulher nasceu idolo e não escrava?

VII

Desconhecerei ainda na saudade abrasadora que me traz em febres, que é chegada a occasião suprema em que devo amar? Sei-o: sabe-o Alda já! Mas, infelices que somos!... Ali está a mortalha negra que nos ameaça de morte!

A impressão solemne d'esse dia de confidencias mudas, em que os labios mal os cerrara a emoção em quanto se derramavam dos olhos torrentes eloquentes ainda me domina! Era no campo: e eu que sou tão amigo do campo, que não tenho fé em coisa que se pregue grandiosa e nobre que d'elle não parta!... Gosavamos de festim domestico campestre: a cada dama um admirador e um servo: eu fui o de Alda. Na granja, nos jardins, e nos passeios, fui o seu guia: subimos ao mirante que lá do alto devassava, pittoresco e tranquillo, o Atlantico que gemia nas plagas: que momento d'extasis! Junto de Alda havia para mim mais resplendores no sol, mais verde-azul nas montanhas, mais matiz nas campinas, mais harmonia na buzina rustica, mais poesia na vela latina que bordejava na bahia! Animada e encantadora, com a respiração viva me aquecia o rosto: sua mão escaldava-me o peito! N'esta hora saudosa eram-me os olhos de Alda espelho seductor, em que me revia embevecido!

Como o morrer ali, estendido a seus pés, seria então uma redempção e uma gloria! É que depois d'uma primeira fundição de duas almas apaixonadas, não pode ter a vida encantos de tão alto quilate, que mantenham sem quebra de ardor as illusões fatidicas!

VIII

Tem razão os que detestam as côrtes, as cidades, as grandes povoações. A vida d'ellas é phosphoro que se inflamma, passa breve, e deixa apoz si um vapor fetido. A excessiva concorrência de praças, o gyro e agitação da industria e do commercio, os passeios, os espectaculos com sua atmospheria infecta e abafadora, são inimiga monotonia, e magnetismo terrestre do mau gosto. Quanto é mais grato o viver dos campos! N'este estio eis-nos de morada temporaria, não só n'um mesmo lugar, mas no pittoresco recinto d'uma mesma herdade. Como eu pudera gosar de toda a immensidade da minha dita, se ha dois annos, conselhos imprudentes me não houvessem immolado a ambições estranhas!

Ainda ha pouco n'um passeio trocámos esse olhar mudo que significa tantas coisas d'amor! Occorreu-nos uma lagrima ardente; beijei-lhe a mão que colhia flores; e Alda sorriu-se! Oh! quem penetrasse o sentido intimo d'essa lagrima e d'esse sorriso, que podem bem ser delicada condescendencia de peito gelado e indifferente, ou modesto annuncio de sympathia! Só eu não posso duvidar que a amo! Seus olhos são-me enlevo d'alma; e o mimoso da tez, e o angelico da fronte, contemplação insaciavel!

Continua.

CINTRA.

Conclusão.

«Está fundado o conventinho em um retiro, no meio da serra, entre mattos. Subindo a um terreiro, bordado de arvores, com uma fonte, se offerecem á vista quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da igreja, e outra da portaria, todas forradas de cortiça. Ao entrar se dá em um corredor de oito palmos de comprimento, e cinco de largo, o qual por entre toscos penedos guia a um pequeno jardim (onde ainda existem bellas hortenses), e ali em lugar eminente se observa uma ermida (em ruina), onde se venerava a imagem de Christo com a cruz ás costas, e junto um limitado vão de sete palmos, entre penedos, que lhe servia de sachristia, o que tudo mandou edificar o cardeal infante D. Henrique, a ermida para n'ella dizer missa, e a cella para n'ella habitar dia e noite, quando procurava este retiro. Em outro lugar mais elevado da cerca se venerava a imagem de Christo crucificado, em uma ermidinha feita em uma gruta formada de dois penedos. Além d'estas duas ermidas se observa na cerca uma cova, onde diz a tradição, vivera pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia o beato Honorio; e junto a uma fonte, uma mesa de pedra, em a qual comia el-rei D. Sebastião, todas as vezes que ia a este convento gosar da sombra de suas arvores, e frescura de suas aguas, com as quaes se regava a horta que é pequena, como tambem a cerca. O convento tem um só dormitório de quarenta palmos de comprimento, e tres de largo, de forma que encontrando-se n'elle duas pessoas, para uma passar recolhe a outra para alguma das cellas. São estas tão estreitas que mais se podem chamar sepulturas; as paredes que as dividem são de barro e palha, forradas de cortiça, a qual serve tambem de forro ás portas. O refeitório é tão pequeno que apenas tem quatorze palmos de comprimento e sete de largo: serve-lhe de mesa uma lage tosca, que para este effeito mandou arrancar da serra o cardeal infante D. Henrique, levantada um palmo do chão. No resto das officinas se observa a mais perfeita pobreza.

«Desce-se por sete degraus de dois palmos de altura para o côro, e d'este, por uma abertura feita na rocha ao lado do evangelho, se desce para a igreja. É esta muito pequena; da porta até á grade que divide a capella mórtem de distancia dezoito palmos de comprimento e de largura treze, é de abobada, e as paredes de calhaus que ali produziu a natureza. Das grades até ao altar se contam sómente doze palmos, e este era o vão da primeira lapa, a que a mesma rocha serve de cobertura. O altar é de pedra em mosaico, as paredes são revestidas de pedra branca e azul, e n'ellas em seus nichos estavam varias imagens; e no sacrario, obra primorosa feita em Roma, um Santo Christo de marfim, dadia de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa (desde 1636 até 1643), e no sacrario uma cruz de prata doirada com um Santo Lenho, que de Roma trouxera o fundador, D. Alvaro de Castro, quando ali foi por embaixador de Portugal ao santo padre Paulo IV.

«Não poderemos melhor descrever a pobreza e simplicidade dos outros ornamentos d'esta igreja do que trazendo á lembrança as seguintes linhas de um poeta catholico de Inglaterra:

Não adornavam este humilde templo
De vão, erguido, tecto
Ricas molduras...
Eram florinhas do visinho bosque,
Que o puro altar juncavam;
Era o florido seu o ornamento,
O incenso era o perfume que exhalavam.

«Do lado da epistola se observava (até 1834) um quadro com o retrato do beato Honorio, o qual jaz na igreja, e da parte de fora, no lumiar da porta, jaz fr. Christovão de S. José, varão apostolico.

«Dos padroeiros, está na igreja sepultada D. Maria de Noronha, viuva de D. Alvaro de Castro, senhor de Fonte-Arcada, commendador da Redinha, a qual na flor da idade, em todo o viço da formosura perdeu o esposo, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da côrte para segundas nupcias, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceu no anno de 1684, e jaz n'esta igreja, que em vida muitas vezes frequentava.

«Dizia D. Philippe II de Hespanha, a quem os castelhanos indevidamente deram o nome de prudente, quando só lhe convinha o de cruel parricida, sanguinario, am-

